



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

## MÍDIAS E GÊNERO: DIFERENÇAS E DESIGUALDADES

Rosilene Dias Montenegro

PPGH/UFCG

[rosilenemontenegro@gmail.com](mailto:rosilenemontenegro@gmail.com)

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe compartilhar com pesquisadores das questões de gênero uma análise sobre os usos dessa categoria em vídeos sobre o tema “Mulheres, Ciência e Tecnologia” publicados no YouTube. O objetivo é verificar as representações discursivas que identificam padrões de masculinidades e feminilidades e aspectos que apontem para permanências nos sentidos que constituem o regime de verdade que sustentam esses padrões. A fonte utilizada para essa finalidade foi o YouTube, um dos maiores canais de comunicação da internet e maior plataforma de publicação de conteúdos e vídeos das redes sociais. Foi realizada uma busca de vídeos tomando como palavras-chave mulheres-ciência-e-tecnologia. Dentre as incontáveis opções foram assistidos uma centena de vídeos dos quais foram separados vinte deles para uma amostragem da pesquisa. As referências teóricas utilizadas se fundamentam nas contribuições de categorias e análises de Joan Scott e Michel Foucault. Observou-se que o regime de verdade sobre o gênero feminino mantém o predomínio dos sentidos, significados e representações das diferenças de gênero como algo natural.

As questões que perseguimos são as seguintes: “Como explicar a associação persistente da masculinidade com o poder? Como explicar o fato de os valores mais altos serem investidos mais de significados de masculinidades do que de feminilidades?” Essas questões estão em texto clássico dos estudos de gênero, publicado há três décadas por Joan Scott (1989). A historiadora norte-americana já problematizava teoricamente as práticas políticas que fazem parecer a-históricas as relações de poder que mantém as desigualdades de gênero.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A atualidade da análise de Joan Scott sobre os usos da categoria gênero para a análise histórica está em apontar os desafios para a ruptura com os regimes de verdade e seus mecanismos de reprodução dos discursos, condutas e práticas políticas que naturalizam as desigualdades de gênero.

O debate sobre as questões de gênero surge a partir dos anos oitenta do século passado como um dos desdobramentos do movimento feminista. Um deslocamento criado em decorrência de novas teorias filosóficas e sociais, especialmente o pós-estruturalismo, que ensejam novos sentidos, formas de pensar e práticas que permitem novos enfrentamentos para as questões naturalizadas e normatizadas pelo regime de verdade.

Os vídeos que aqui analisados têm em comum um ponto de partida: foram produzidos com o intuito de divulgação das questões de gênero nas redes sociais. Eles mostram cientistas mulheres e mulheres na ciência e tecnologia que tiveram grandes contribuições para o conhecimento científico e tecnológico, mas que não são conhecidas ou que não é dado o devido reconhecimento pelas significativas contribuições que elas deram.

Iniciamos mostrando o assunto, o que se diz, como se mostra, ou seja, a dizibilidade e visibilidade sobre as mulheres cientistas. Para em seguida analisarmos as constatações que encontramos quando realizamos os procedimentos de busca das informações sobre as cientistas mulheres. As consultas foram realizadas na maior website de busca da internet, o Google. O olhar interessado no questionamento e problematização nos permitiu ver os usos da linguagem e perceber as ausências das referências às mulheres cientistas e suas contribuições.

### QUESTÕES DE GÊNERO: DIFERENÇAS COMO DESIGUALDADES

Poderia ser considerada violência simbólica a desigualdade entre homens e mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas? Por que metade da população mundial, ou metade da população brasileira, não têm os mesmos incentivos e oportunidades para formação profissional em todos os níveis? Por que as mulheres nas carreiras das ciências e





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

tecnologia não têm as mesmas oportunidades que os homens? Não deveria ser inadmissível que mulheres não estejam ocupando na mesma proporção que homens os lugares de mais elevado status científico, ou mais elevada importância política administrativa? Por que essas desigualdades não incomodam a sociedade?

Por que são homens e mulheres são desiguais? Estudiosas e estudiosos do feminismo atribuem a Platão a diferenciação que resultou na significação de homem como superior à mulher. Um assunto bastante complexo pelo sentido de naturalização dessa desigualdade que o discurso patriarcal transformou em desigualdades biológicas e intelectuais, as quais explicam o homem como superior e a mulher como inferior. Ocorre que essa compreensão está presente não somente em Platão, mas em toda filosofia ocidental desde sua antiguidade.

O pensador Sigmund Freud, fundador da psicanálise, em conferência sobre o tema Feminilidade, afirmou que “o menino, ao descobrir a menina, a descobre portadora de uma falta [o pênis], isto é, como *desigual* e não como *diferente*, como *inferior e não como complementar*.” (CORRÊA, 2018, p.9), (grifos nossos). Segundo Luce Irigaray, filósofa, linguista, psicanalista e feminista, a “concepção de feminilidade” de Freud, teria contribuído para fortalecer ainda mais as práticas culturais da desigualdade de gênero, uma vez que Freud teria se baseado em “um determinismo biológico a partir do qual a mulher é inferiorizada, e seu sexo não tem valor. A distinção anatômica entre os sexos explicaria a diferença na economia psíquica, sendo só o sexo do homem capaz de representação” (COSSI, 2015).

Mas a verdade científica estabelecida pelos pressupostos deterministas de superioridade biológica do sexo masculino sobre o feminino, também fundamentado na biologia, uma ciência exata (diferentemente das supostas especulações e abstrações psicanalistas), partiu de um pressuposto, apresentado como “neutro”. Esse pressuposto justificava, argumentando estudos e experiências de laboratórios, que a ciência mostrava a diferença entre homens e mulheres como uma questão genética, daí a compreensão da desigualdade.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

A desigualdade seria, pois, a consequência natural da diferença biológica. “Um argumento de autoridade argumentado a partir das ciências naturais cujos conhecimentos produzidos possuíam uma ‘autoridade inigualável nas culturas ocidentais dos últimos séculos’.” (LOPES, 2006, 37). Desigualdade também naturalizada por visão de ciência ainda “pautada no discurso Mertoniano que caracteriza o sistema científico como meritocrático e neutro.” (LIMA; COSTA, 2016).

É possível afirmar que as ciências seriam um lugar tão masculino e androcêntrico que não teria sequer cogitado a possibilidade de ser ocupado por mulheres? Para Londa Schienbinger, “[...] a promoção das ações de inclusão são constituídas em uma arquitetura concebida para excluir o feminino, uma vez que a ciência [...] foi constituída em valores centrados no masculino” (SCHIENBINGER *apud* LIMA; COSTA, 2016).

Essa é uma das questões mostradas no estudo “*Qual foi o impacto do feminismo na ciência?*”, de Evelyn Fox Keller (2006), que apresenta aos leitores as principais ideias e buscas de confirmação científica da superioridade dos homens sobre as mulheres desde a “*A Origem das Espécies*” (1859), passando pela “*A descendência do homem e seleção em relação ao sexo*” (1871) chegando aos “efeitos modernos” dos avanços nos estudos da biologia evolutiva e na ecologia, a partir de 1970, “quando os biólogos perceberam que havia mais coisas na seleção sexual”, ou seja, mais de um século após Charles Darwin.

Segundo Keller: [...] uma “*associação historicamente onipresente*” entre masculino e objetivo, caracterizada por ter simultaneamente um “*ar de auto-evidente*” no âmbito do conhecimento comum e por “*não ter sentido*” no âmbito do conhecimento científico. O silêncio virtual sobre o tema lhe sugeria que a associação entre masculinidade e pensamento científico possuía status de um mito que ou não podia ou não devia ser investigado a sério, uma vez que entrava em conflito com nossa imagem de ciência sexual e emocionalmente neutra. (KELLER, *apud* LOPES, 2006, p.40).

Ou seja, construções discursivas que estabelecem padrões de masculinidades e feminilidades que reproduzem não diferenças, mas desigualdades.

Ao refletir sobre diferenças e desigualdades de gênero, Luce Irigaray (2002) ressalta: “a mulher deve aprender a entrar em relação com o homem como outro, um outro





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

diferente, mas não hierarquicamente superior ou inferior”. Colocar-se na relação social segundo essa forma de compreender a questão de gênero, “representa também o gesto capaz de sustentar o conhecimento de todas as outras formas de outros, sem hierarquia, privilégio nem autoridade sobre eles: que se trate de raças, idades, culturas, religiões”.

É pertinente ressaltar que todo tema que se relaciona com gênero já enfrenta de imediato o preconceito: “Isso é coisa de feminista”. As pesquisadoras e pesquisadores do tema podem ser os mais brilhantes e reconhecidos pela qualificação e competência acadêmica e intelectual, mas parece sempre terem seus estudos resumidos a algum comentário do tipo “que interessante!”. Porque “o envolvimento com as questões de gênero e feministas ainda pode gerar preconceito entre os pares, uma vez que isso representa um questionamento sobre o discurso hegemônico da ciência e tecnologia. assim, pode dificultar parcerias e alianças.” (LIMA; COSTA, 2016, p.15). Aspecto já observado em trabalho clássico Joan Scott sobre esse assunto, [...] *a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-la ou colocá-la em um domínio separado (“as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto, deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a historia das mulheres Trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”)*. (SCOTT, 1989, p.5).

Talvez essa subjetividade faça parte das razões conscientes ou não conscientes do fato de no Brasil serem raros os trabalhos de mulheres cientistas ou mulheres engenheiras se interessarem por pesquisas sobre as questões de gênero em suas áreas de formação, segundo trabalho citado de Betina Lima (2016).

Os vídeos e as redes sociais são objeto para o estudo da história. Trazemos para análise representações e discursos presentes em vídeos produzidos com o objetivo de divulgação no YouTube. Antes, contudo, apresentamos um pouco a referência teórica de nosso uso do vídeo como fonte e documento para pesquisa histórica.

Trabalhamos com o conceito de vídeo a partir de Arlindo Machado, um dos mais respeitados estudiosos brasileiros de cinema, televisão e vídeo. Para esse pesquisador, o





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

vídeo surgiu como uma ampliação dos horizontes da comunicação (nos anos setenta em que a tecnologia era predominantemente eletrônica). O vídeo permitia o experimento de outras possibilidades de utilização, e reverter a relação de autoridade entre produtor e consumidor (1990, p.10). O vídeo permitiria novas experiências da produção de significados e da realidade, sua relação com a estética, e outras questões que se relacionam com a imagem e imaginação. E por serem produzidos fora da lógica de dominação da televisão tendiam a democratizar e diversificar a circulação de opiniões e visões (1990, p. 27).

Os vídeos fazem então parte de um processo de transformação das comunicações que no entender de Arlindo Machado constitui a revolução da comunicação com a era da eletrônica e se amplia extraordinariamente com a informática. As possibilidades de comunicação digital, de interatividade, de redes sociais e seu poder, parecem ser infinitas. Porque uma das mudanças mais significativas consiste na ruptura do monopólio do transmissor tendo de outro lado o receptor passivo. “A relação não é mais de transmissor com o receptor, nem mesmo de interlocutores, mas sim de *interoperadores*, isto é, pessoas aptas para a comunicação eletrônica” (1980, p. 39). Corroborando a visão de Berger, outro estudioso de cinema, televisão e vídeo, afirma que a importância do vídeo “não é apenas fornecer um novo conteúdo às ideias de educação ou de democratização, mas também colocar em prática a criatividade através da qual a cultura deixa de ser algo que se recebe, para se tornar uma atividade da qual todos participam e na qual todos criam.” (BERGER, *apud* MACHADO, 1990, p. 39).

O mundo vive os impactos da fase inicial da 4ª. Revolução Industrial, momento de extraordinário desenvolvimento tecnológico possibilitado pela informática e internet revolucionando os tipos de comunicação, entre as máquinas e entre indivíduos, e potencializando o sistema capitalista dessa fase em que o capital financeiro também se encontra em rede (CASTELLS, 1999, p.500). Nesses tempos, as disputas das ideias, dos discursos, das narrativas, ocorrem em profusão nas redes sociais e outros meios da internet que serve como ferramentas abertas à comunicação como, por exemplo, o YouTube. As redes sociais da internet permitem a liberdade, autonomia e criatividade dos produtores de





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

vídeo, de conteúdo, interação e interoperação. Aqui nos interessa identificar nos discursos dessas produções, as ideias, as narrativas e as visões sobre gênero.

O primeiro vídeo que trazemos à análise deles é o “*Rewriting herstory*”. Este vídeo, de 1:10 (um minuto e dez segundos) de duração, foi produzido pela *Daughters of the Evolution* e divulgado no Instagram do Fórum Econômico Mundial. Trata-se da propaganda de um aplicativo (App) para smartphone que tem como proposta incluir as mulheres no ensino de História e desse modo contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero.

O vídeo tem uma música de fundo, mas não tem narrador. São um minuto e dez segundos que se repetem sucessivamente até que o usuário interrompa. O vídeo mostra as imagens com respectiva legenda, conforme tradução nossa a seguir: *O aplicativo foi criado por Filhas da Evolução. Uma organização que acredita que as crianças precisam de modelos femininos inspiradores. Segue o sucesso de livros como Goodnight Stories for Rebel Girls. Especialistas dizem que serão necessários 108 anos para fechar a lacuna global de gênero na taxa atual. De que outra forma podemos iluminar as histórias das mulheres? Este aplicativo coloca as mulheres nos livros de história em tempo real. Corrigir o desequilíbrio de gênero no que ensinamos a nossos filhos. Os leitores de um livro de história seguram o telefone sobre a foto de um homem... E o aplicativo faz a informação sobre uma mulher que fez a diferença aparecer. As mulheres são muitas vezes esquecidas quando estudamos história. Representando menos de 11% das pessoas mencionadas nos livros didáticos. Não é de surpreender quando 75% da história é masculina. Enquanto isso, 72% das biografias são sobre homens. E não são apenas os livros de história que deixam as mulheres de fora Nos EUA, menos de 5% dos marcos históricos comemoram as conquistas das mulheres. E 92% das esculturas públicas de pessoas são de homens. (Disponível em lingual inglesa em: <<https://www.instagram.com/p/ByQix5Gh-H7/?igshid=thv7yvfh1kol>>).*

Os números da desigualdade entre homens e mulheres na História são impressionantes. Não se trata só do desconhecimento da participação das mulheres, mas principalmente do esquecimento que predomina nas práticas cotidianas e, no tocante a essa discussão, na prática de reconhecer a importância do outro, particularmente quando o





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

“outro” é uma mulher. Reconhecer seu papel e contribuição. Desconhecimento, provavelmente ato voluntário, porque *não interessa conhecer* e se não interessa conhecer ou dar a conhecer, também não interessa lembrar. Assim, um (desconhecimento) e outro (esquecimento) produzem a invisibilidade do gênero feminino.

É impactante pensar que seriam hoje necessários cerca de 110 anos de trabalho de educação para a igualdade de gênero, para ao final de mais de século igualar a proporção de homens e mulheres na História. Uma desigualdade que não aparece como injustiça uma que não é aceita como desigualdade. Mas tão somente como consequência natural de algo que ninguém saber explicar onde, como ou por que aconteceu e se naturalizou. Naturalização radicalmente questionada por Simone de Beauvoir ao dizer “não nascemos mulher, nos tornamos mulheres”. Poderíamos radicalizar um pouco mais afirmando que “não nascemos mulher, *somos transformadas* em mulheres”.

O vídeo “Mulheres nas ciências”, produzido pela Agência FAPESP, em parceria com a Folha de S. Paulo contou com a participação de uma Socióloga, uma Física e uma Química, docentes que atuam em três respeitadas instituições públicas de ensino superior, a UFRJ, a UFRGS, e a UNESP. O debate foi mediado uma jornalista especializada em jornalismo científico e realizado em um auditório para um público constituído por uma maioria de mulheres universitárias, que puderam interagir com perguntas.

O debate tem início com uma provocação trazida pela mediadora, a jornalista Sabine Righetti. Ela informou que nos EUA existe desde a década de setenta uma experiência de um projeto que visita escolas do ensino fundamental e médio com o objetivo de registrar a representação de cientista dos jovens. A atividade consiste em pedir para a criança desenhar *the scientist* e dizer qual *cientista* conhece ou já ouviu falar. As palavras *the* e *scientist* são comuns de dois gêneros na língua inglesa. Nos anos setenta, raramente uma criança desenhava ou lembrava uma cientista mulher. Esse mesmo projeto afirma que atualmente pouco menos de um terço das respostas tem citado mulheres cientistas. Logo, houve uma mudança importante dos resultados dos anos setenta para os atuais, embora seja ainda aquém. Outra conclusão significativa é a de que “existe o estereótipo de que *cientista* é comum ao gênero masculino”. Um estereótipo, também pode ser entendido pelo que não mostra, pelo que não diz, e por aquilo que silencia.







### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Os vídeos apresentam um discurso que em geral propõe divulgar os feitos científicos de mulheres, ao mesmo tempo em que parece reivindicar, (raramente é explicitada a reivindicação), o reconhecimento da capacidade intelectual das mulheres na produção e contribuição para a ciência, principalmente, e em segundo lugar, a tecnologia.

A maioria dos vídeos que aqui analisados podem ser caracterizados como discurso interessado em mostrar que as mulheres têm história, “em contraponto ao sujeito histórico masculino universal” (MELLO, 2011, p.2). A História das Mulheres está mais sujeita aos limites “das abordagens descritivas que não questionam os conceitos dominantes no seio da disciplina ou pelo menos não os questionam de forma a abalar o seu poder e talvez transformá-los.” (SCOTT, 1989, p.5).

Mas também encontramos vídeos, em menos quantidade, que fazem uma abordagem caracterizada como “história de gênero”, ou seja, que faz uso de referencial teórico que busca as problematizações, objetivos e focos da análise nas diferenças e desigualdades socioeconômicas e culturais, tendo sempre como pressuposto a dominação dos homens nas relações, tornando-as desiguais. Logo, a história de gênero busca conhecer as construções culturais de masculino/masculinidades e feminino/feminilidades (MELLO, 2011).

Os vídeos são majoritariamente produzidos por acadêmicos, professoras e alunas, principalmente. Variam de produções de grupos de pesquisa a trabalho de conclusão de curso. É possível afirmar que assumem uma postura e linguagem acadêmicas que evita o confronto e privilegia uma conduta que aposta na sensibilização, conscientização e convencimento.

Outro aspecto que aqui enunciamos como assunto para reflexão e análise que deixaremos para detalhar em próximo trabalho, refere-se às buscas realizadas no Google. Ainda não tínhamos percebido que os resultados do Google mostram a exclusão, se não a invisibilidade das mulheres cientistas. Usamos os procedimentos padrões de busca, a saber: informar as palavras-chave por assunto geral: “mulher e ciência”, “mulheres ciência e tecnologia”; e pelo nome das cientistas; e pelas palavras-chave da contribuição (descoberta, invento) das cientistas. Os resultados desse último procedimento de busca são





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

espantosos. Primeiro, constata-se que o Google só mostra de imediato duas cientistas: Marie Curie e Rosalind Franklin. Para se achar mais cientistas é preciso navegar nas primeiras informações. Segundo, ao verificar o resultado da quantidade de busca, constata-se que não está relacionado a cientista que buscamos, mas a todas às Marie, aos Curie, à Rosalind e aos Franklin. Ou seja, são resultados das palavras-chave e não de informações específicas a essa ou aquela cientista. E em sendo desta maneira, é ainda mais espantoso a quantidade mínima em que as cientistas aparecem. Terceiro, ainda mais indicativo do silenciamento das autorias das cientistas, diz respeito aos resultados das buscas pelas palavras-chave da descoberta ou da contribuição das cientistas.

Excetuando-se Marie Curie e Rosalind Franklin, não são facilmente informados e usualmente encontrados os nomes das cientistas das grandes e significativas contribuições nas diferentes áreas de conhecimento e da tecnologia que dizem respeito aos avanços científicos do mundo atual. Trazemos dois exemplos: o tema <deriva continental> mostra informações que se trata de teoria de Alfred Wegener, em 1913, mas não informa que a teoria foi comprovada por Marie Thapp. O mesmo acontece com as informações sobre elastano (material usado em vestimentas como jeans, malhas etc.) e o kevlar (material cinco vezes mais resistente que o aço, utilizado para coletes de proteção contra balas e roupas de astronautas, dentre outros): não se informa que foram inventados pela Química Stephanie Kwolek.

A não informação das mulheres cientistas e inventoras ocorre inversamente à visibilidade e dizibilidade que é dada aos homens inventores. A partir da pequena amostra de buscas que realizamos, verificamos que das aproximadamente vinte cientistas que buscamos, muito pouco ou quase nada se informa sobre elas. Um resultado impreciso, com certeza, mas provocador de espanto porque não se informa os nomes das mulheres autoras das grandes descobertas e inventos! Ou seja, uma ocultação da autoria?





## CONCLUSÃO

O debate sobre as desigualdades entre homens e mulheres deveriam ter mais ênfase na perspectiva da política de gênero e despertar maior interesse na comunidade acadêmica. Mas, haja vista, não ser essa a realidade, que esse debate fosse mais frequente na área da História, por ser esse o campo de conhecimento que mais apropriadamente contribuir para mostrar como surgiu a naturalização das desigualdades de gênero e proporcionar instrumentos analíticos para a desconstrução dessa naturalização, pois sendo uma construção histórica, teve um começo e tudo que tem um começo com certeza terá um fim.

As teorias filosóficas, históricas e sociais também ajudam a refletir sobre a oportunidade da radicalização crítica para, quem sabe, se transforme a conduta de resistência em “uma nova forma de organização, de relações, de relações sociais, de ideologia do saber e assim por diante.” (FOUCAULT, 2015, p.10).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** – vol. 1. A era da informação: economia, sociedade e cultura 1999.

CORRÊA, Mariza. **Cara, cor, corpo**. Cadernos Pagu. No. 54. 2018, pp. 01-13.

COSSI, Rafael Kalaf. **Pensando a positivação da feminilidade: Luce Irigaray e a psicanálise**. Disponível em: <<https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/daniela-smid/pensando-a-positivacao-da-feminilidade-luce-irigaray-e-a-psicanalise>>. Acesso em 10 Set. 2019.

IRIGARAY, Luce. **A questão do outro**. Labrys, estudos feministas. No. 1-2, Jul/Dez. 2002. Disponível em: <<http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/irigaray1.pdf>>. Acesso em: 10 Set. 2019.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

KELLER, Evelyn Fox. **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?** No. 27. Jul/Dez, 2006, pp. 13-34.

LIMA, Betina S; COSTA, Maria Conceição da. **Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios.** Cadernos Pagu. No. 48, 2016, pp.1-39.

LOPES, Maria Margaret. **Sobre convenções em torno de argumentos de autoridade.** Cadernos Pagu. No. 27. Jul/Dez, 2006, pp. 35-61.

MELLO, Soraia Carolina de. **Pensando questões de gênero para a História da mulheres.** 2001, p. 1-10

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** 1989, pp.1-35.

World Economic Forum. **Rewriting Herstories.** Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ByQix5Gh-H7/?igshid=thv7yvfh1kol>>. Acesso em: 30 Ago. 2019.

